

Organizadores:
Clotilde Perez, Eneus Trindade
Maria Immacolata Vassallo de Lopes
e Márcia Pinheiro Olhson

PPGCOM-USP

50 ANOS:

entre o passado e o futuro, nosso percurso

© Vários autores, 2023

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados.

ORGANIZADORES

Clotilde Perez, Eneus Trindade, Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Márcia Pinheiro Olhson

DIREÇÃO EDITORIAL

Kathia Castilho e Solange Pelinson

REVISÃO

Leoberto Balbino

PROJETO GRÁFICO E EDIÇÃO DE ARTE

Marcelo Max

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

P146 PPGCOM USP 50 anos : entre o passado e o
1.ed. futuro, nosso percurso / organizadores
Clotilde Perez...[et al.]. – 1.ed. –
São Paulo : Estação das Letras e Cores, 2023.

Outros organizadores: Eneus Trindade, Maria Immacolata Vassallo de
Lopes, Márcia Pinheiro Olhson.

ISBN : 978-65-5029-027-6

1. Ciências sociais. 2. Comunicação. 3. Pesquisa – Aspectos sociais.
4. Pós-Graduação. 4. Professores – Formação. I. Perez, Clotilde. II. Trindade,
Eneus. III. Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. IV. Olhson, Márcia Pinheiro.

03-2023/64

CDD 300

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências sociais 300

Bibliotecária: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

Estação das Letras e Cores Editora

Av. Real, 55 – Aldeia da Serra

06429-200 – Barueri – SP

Tel.: 55 11 4326-8200

 www.estacaoletras.com.br

 facebook.com/estacaodasletrasecoreseditora

 [@estacaodasletrasecores](https://instagram.com/estacaodasletrasecores)

Organizadores:
Clotilde Perez, Eneus Trindade
Maria Immacolata Vassallo de Lopes
e Márcia Pinheiro Olhson

PPGCOM-USP

50 ANOS:

entre o passado e o futuro, nosso percurso

2023



Obra financiada pelo:

PROAP
Programa de Apoio à
Pós-Graduação



CCN

ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

USP



**Estação
das Letras
e Cores**

Um esboço do presente

Por Paulo Nassar e Luiz Alberto de Farias

1. Memórias rituais, narrativas da experiência¹ – Anotações para uma aula²

Estas anotações intencionalmente remetem-se ao ensaio autobiográfico *Um esboço do passado*³, de Virginia Woolf (1882-1941), escrito entre os anos 1939 e 1940, traduzido e apresentado de maneira magistral por Ana Carolina Mesquita. Esta remissão não se trata aqui em nosso texto de um embelezamento literário, mas uma evocação de algumas questões que nossa disciplina trabalha, ano a ano, e Woolf enfrenta na abertura de seu trabalho de memória, elaborado em *Um esboço do passado*, destacadamente entre elas, a relação entre o presente e

1 A disciplina “Memórias Rituais, Narrativas da Experiência” surgiu de ampliação do trabalho e pesquisa colaborativos no âmbito do PPGCOM-ECA-USP. Por que não fazer uma disciplina colaborativa? Por que não somar vivências? As quatro palavras que nomeiam a disciplina nos norteiam e caracterizam a sua interdisciplinaridade, sua proposta dialógica, dialógica, de debate a priori. E além da interdisciplinaridade, somem-se as visões compartilhadas e a possibilidade de construir novas fases que dialoguem com a comunicação.

2 Buscamos aqui o recurso de trazer da memória, dos conscientes e inconscientes que a habitam, as referências para a troca, para a aula, momento especial de iluminação coletiva.

3 WOOLF, Virginia. *Um esboço do passado*. Tradução de Ana Carolina Mesquita. São Paulo: Ed. Nós, 2020.

o passado, expressa nas escolhas da escritora entre o que ela chamava de “seu eu de agora”, com o “seu eu de antes” relativo a sua identidade. Diante desse dilema autoral – que inspirará aqui em nossas aulas algumas reflexões sobre a Arte da Memória, e por que não da Arte do Esquecimento, referenciadas pela mitologia grega nas águas dos rios Mnemósine e Lete, além de as relações do tema da memória com o ritual pensado como narrativa e experiência –, Woolf, de pronto, justapõe essas duas situações de identidade entendendo que o presente é uma “plataforma onde se pôr de pé”, lugar de evocar, de ritualizar, que afeta, instante a instante, a lembrança do passado. Mais do que isso, a lembrança do que Woolf foi no passado; e diante dele, em vários momentos, ela se pergunta, o que foi, poderia ser diferente?

Constatamos essa pergunta quando Woolf, ao lembrar fatos de sua relação com os pais e irmãos, reflete, no contexto de uma educação vitoriana do final do século XIX, o que significa para si, para a sua identidade de escritora e mulher, o convívio entre o feminino submisso, mas potente em sua leveza, e o masculino ditador de regras, mas fraco em sua brutalidade. Em uma primeira citação pinçada por nós, Woolf (2020, p. 144) explicita a tensão entre ela e as convenções de seu tempo: “as maneiras vitorianas talvez representem uma desvantagem para escrever. Quando leio os meus antigos artigos para o *Literary Supplement*, culpo meu treinamento na mesa do chá pela suavidade, pela cortesia, pela abordagem indireta do tema. Vejo a mim mesma não resenhando um livro, mas oferecendo pratos de pãezinhos a rapazes tímidos e perguntando-lhes: aceitam creme ou açúcar”.

Vejam, é a poderosa escritora perguntando-se sobre o seu lugar no mundo; no suplemento consagrado do jornal *The Times* ou no papel de serviçal do homem vitoriano. Caminhemos analisando outras pistas deixadas em *Um esboço do passado*, onde o microcosmo familiar inglês funciona como uma metonímia da Inglaterra daquele tempo. Ali os espaços descritos, como a sala e o quarto, e os objetos, como a mesa e a cama, dizem muito sobre a sua família e a sociedade da época. A descrição de Woolf (2020, p. 97) é longa, mas vale percorrê-la pela

sua riqueza etnográfica. Ela nos diz, “a mesa do chá, o próprio centro da vila familiar, a mesa do chá redonda ao redor da qual se deram festas inumeráveis, sobre a qual, quando chegava o domingo – o dia do chá festivo –, punham-se pratos cor-de-rosa cheios de pãezinhos negros, cheios de fatias muito finas de pães branco integral e manteiga. A mesa do chá, e não a de jantar, era o centro da vida familiar vitoriana – ao menos na nossa família. Suponho que os selvagens se congreguem em torno de alguma árvore ou fogueira; a mesa redonda marcava aquele ponto focal, sagrado em nossa casa. Era o centro, o coração da família. O centro ao qual os filhos retornavam de seu trabalho à noite; o lar de cujo o fogo a mãe se ocupava, ao servir o chá. Da mesma maneira, o quarto – o quarto com a cama de casal do primeiro andar – era o centro sexual da casa; o centro do nascimento; o centro da morte. Não era grande, mas suas paredes deviam estar impregnadas, se as paredes pudessem absorver imagens e acumular o que se diz e se faz de mais intenso, de mais íntimo, da vida familiar. Naquela cama quatro filhos foram gerados; ali foram paridos; ali minha mãe morreu; depois meu pai, com uma foto de mamãe pendurada diante dele”. É nesses espaços e mobílias que as bandeiras memoriais são entendidas sob a forma de adereços notáveis e reluzentes de significantes: toalhas, colchas, recortes dos acontecidos e dos segredados. E Woolf nos apresenta o espaço que agita e pacifica, em que se oferece o descanso e a noite de sono, mas o nascimento, a geração de vida, o saciar das pulsões e até o fim, com a morte e o suave e final dormir.

Woolf por meio de reflexões como a citada constrói uma identidade de final de vida. Essa identidade, a partir de triste contemplação, é esboçada, por que, à luz de outras possibilidades de ela ser, ela poderia ter sido outra – ou até outras – Virginia. Um dilema que se põe para todos nós: Não poderíamos ter sido outras coisas? O retorno no tempo, pela evocação pode nos levar até uma vida intrauterina, à fundação da vida, aos momentos fundadores da nossa vida, enquanto infantes, adolescentes, adultos, velhos. Impossível não lembrar, a partir da plataforma do presente proposta por Woolf, a forma como

Santo Agostinho (354-430), em seu livro autobiográfico *Confissões*⁴, escrito entre os anos de 397 e 401, traz a ideia de um tempo único e nela está uma definição de memória, que traz sempre para o presente e dá plasticidade à experiência humana. Em seu texto (1984, p. 344-345) em que a prosa se vincula à poesia, ele nos diz “agora está claro e evidente para mim que o futuro e o passado não existem, e que não é exato falar de três tempos – passado, presente e futuro. Seria talvez mais justo que os tempos são três, isto é, o presente dos fatos passados, o presente dos fatos presentes, o presente dos fatos futuros. E estes três tempos estão na mente e não os vejo em outro lugar. O presente do passado é a memória. O presente do presente é a visão. O presente do futuro é a espera”.

2. Passagens para nós mesmos

Em sua escavação memorial, no contexto de seu presente, de maneira sofrida, Woolf (2020, p. 19) reconhece a plasticidade – no sentido da volatilidade, da mudança como uma tatuagem impossível de ser retirada do rosto de uma vida – do material evocado, quando afirma que “o que escrevo hoje não escreverei daqui a um ano”. Uma plasticidade – que significa avaliar a experiência que se transforma em memória de muitas formas – sempre constante em qualquer evocação, assinalada por uma autora do campo da interface literária, que assume com vigor uma incerteza sobre a veracidade do que ela evoca. Em uma de suas recordações, ela nos diz que às vezes consigo retornar a St. Ives mais completamente do que nesta manhã. Consigo alcançar um estado onde pareço observar as coisas acontecendo como seu estivesse lá. Isso acredito, porque minha memória deve suprir o que esqueci, de modo que é como se as coisas estivessem acontecendo independentemente de mim, quando na verdade eu é que as estou fazendo acontecer.

Em estados de ânimo mais favoráveis, “as memórias – aquilo que esquecemos – emergem até a superfície. Ora, se é assim, não será

4 AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1984.

possível, um dia, que se invente **algum aparelho que nos permite acessá-las?** [grifo nosso] Eu o enxergo – o passado – como uma avenida que ficou para trás; uma longa fita de cenas, de emoções. Ali, ao final da avenida imóvel, estão o pomar e o quarto das crianças”. Esta maneira topológica de Virginia evocar a memória lembra a antiga mnemotécnica que liga aquilo que se busca a lugares. Vale lembrar então a narrativa do romano Cícero (2007,p.30), em *De oratore*⁵, que assinala, em relação a mnemotécnica grega, que “[Simônides] inferiu que pessoas que desejam treinar essa faculdade (da memória) precisam selecionar lugares e formar imagens mentais das coisas que querem lembrar, e guardar essas imagens nesses lugares, de modo que a ordem dos lugares preserve a ordem das coisas, e as imagens das coisas denotem as próprias coisas; e devemos empregar os lugares e as imagens assim como uma tábua de cera sobre a qual são inscritas letras.” Um mapeamento de mnemotécnicas, ou *ars memoriae*, realizado por Frances A. Yates, em seu livro *A arte da memória*, que se inicia na Grécia, passa por Roma, pela Idade Média, pelo Renascimento, pelo Teatro da Memória de Fludde e o Globe Theatre até a Arte da Memória e o Desenvolvimento do Método Científico.

Em tempos de nosso presente, a memória se transforma em outros lugares, acessados não pela relação com conexões mnemotécnicas, mas pelos dispositivos que guardam em si o poder de nos dizer – ou não – os caminhos que nos levarão àquilo que esteja em nossos vastos territórios memoriais, delegados a uma gestão outra que não de nossa própria memória.

3. A máquina de recordar

Mas voltemos à Virginia Woolf e sua maravilhosa interioridade, inspiradora de conversas aqui sobre possíveis conexões com alguns autores e temas canônicos dos estudos da Memória. Woolf (2020, p. 19-20), a partir de sua ideia de um potencial aparelho para acessar as suas memórias, discorre sobre o seu intento: “Em vez de

5 YATES, A. Frances. *A arte da memória*. Campinas, SP: Ed. da Unicamp, 2007.

lembrar uma cena aqui e um som ali, enfiarei uma tomada na parede para escutar o passado. Aumentarei o volume de agosto de 1890. Sinto que as emoções intensas devem deixar seu rastro; e que é simplesmente uma questão de descobrir como podemos nos conectar novamente a elas para podermos viver nossa vida desde o princípio”. Texto que guarda possíveis remissões com as ideias de Agostinho, em *Confissões*, dentre elas, a de “tesouro da memória”, a de “câmara das maravilhas”, a de “ventre da mente”. Lugares de recordação para onde podemos voltar e transformar os afetos. As dores, os fracassos, os traumas podem ser compreendidos, perdoados (na perspectiva religiosa, do direito natural,...), curados (na perspectiva da psique). Um retorno pela “máquina do recordar” para um espaço onde estão os fatos com o objetivo de um recomeçar a vida. Para fazer as coisas certas, as coisas boas. Na perspectiva de Virginia, talvez, pavimentar uma estrada que a afastasse do sofrimento. De certa forma, objetos e lugares cotidianos ou institucionais podem de alguma forma serem esse aparelho de recordar imaginado por Woolf.

No plano institucional, essas máquinas podem ser dispositivos como os museus, os memoriais, os lugares de memória. No plano individual, essas máquinas de recordar podem ser as miudezas de fundo de gaveta, cicatrizes na pele, uma tesoura da mãe costureira guardada em um quadro na parede, como uma lembrança da luta de uma mulher para sustentar com o seu trabalho a família ou uma biblioteca que se torna a segunda pele, com poros sempre prontos a revelar conhecimentos, a desvelar novas/velhas memórias, como ambiente de trabalho intelectual e de mergulho aos alfarrábios tecidos em nossos dispositivos memoriais.

4. Dispositivos de memória

Em um esboço do passado, Virginia (2020, p. 131) liga uma pequena árvore à morte e à ressurreição: “Sempre vejo, quando penso nos meses que se seguiram à morte dela um arbusto no escuro de uma noite de verão. Essa arvorezinha bem desenhada e cheia de ramos está

em frente a uma casa de jardim. [...] Ela resumia tudo aquilo. Até hoje, aquela árvore sem folhas é para mim o emblema, o símbolo, daqueles meses de verão. [...] Mas as árvores não permanecem sem folhas. Nelas começam a crescer brotinhos vermelhos.” Vamos, a partir dessa cena escrita por Woolf, acessar duas passagens literárias, uma de autoria de Marcel Proust⁶ (1871-1922) e outra citação de autoria de Thomas Mann⁷ (1875-1955), em seu romance de formação, *A montanha mágica*, que podem enriquecer a nossa reflexão sobre a “maquinaria da memória”. A passagem proustiana vem sob a forma de memória pura, conceituada pelo filósofo Henri Bergson⁸ (1999, p. 88-89), que presentifica o passado “sob a forma de imagens lembranças, todos os acontecimentos de nossa vida cotidiana à medida que se desenrolam”.

Em *O caminho de Swann* o dispositivo memorial funciona pelo sabor de um biscoito e pela xícara de chá, tudo isso está nestes dois trechos de rara beleza: “Fazia já muitos anos que, de Combray, tudo que não fosse o teatro e o drama do meu deitar não existia mais para mim, quando num dia de inverno, chegando eu em casa, minha mãe, vendo-me com frio, propôs que tomasse, contra os meus hábitos, um pouco de chá. A princípio recusei-me e, nem sei por que, acabei aceitando. Ela então mandou buscar um desses biscoitos curtos e rechonchudos chamados madeleines, que parecem ter sido moldados na valva estriada de uma colcha de São Tiago. E logo, maquinalmente, acabrunhado pelo dia tristonho e a perspectiva de um dia seguinte igualmente sombrio, levei à boca uma colherada de chá onde deixara amolecer um pedaço da Madeleine. Mas no mesmo instante em que esse gole, misturado com os farelos do biscoito, tocou o meu paladar, estremei, atento ao que se passava de extraordinário em mim”. O extraordinário narrado é o ressurgir para o personagem proustiano de memórias não mais lembradas: “E como nesse jogo

6 PROUST, Marcel. *No caminho de Swann: à sombra das moças em flor*. Rio de Janeiro: Ediouro, 2002.

7 MANN, Thomas. *A montanha mágica*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

8 BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

em que os japoneses se divertem mergulhando numa bacia de porcelana cheia de água pequeninos pedaços de papel até então indistintos que, mal são mergulhados, se estiram, se contorcem, se colorem, se diferenciam, tornando-se flores, casas, pessoas consistentes e reconhecíveis, assim agora todas as flores do nosso jardim e as do parque do Sr. Swann, e as ninfeias do Vivonne, e a boa gente da aldeia e suas pequenas residências, e a igreja, e toda a Combray e suas redondezas, tudo isso que toma forma e solidez, **saiu, cidade, cidade e jardins, de minha xícara de chá**” [grifo nosso]. Esse raio de lembranças pode ser estimulado por um objeto na direção de um marco passado, de um grupo familiar, comunitário, em que a identidade se define pela idade⁹, pelo gênero, pela etnia, pelo trabalho, pelo aprendizado, dentre outras possibilidades que produzem o sentimento de pertencer ou de pertencimento.

Em nossa relação com o território, a memória estimulada pela arquitetura e pelos objetos contidos em um hábitat, é produzido o que os romanos denominavam como *genius loci*, o espírito do lugar. É em uma descrição de uma bacia batismal, “de prata muito oxidada”, que formava com uma bandeja um conjunto pertencente à família de Hans Castorp, personagem central de Thomas Mann, em *A montanha mágica*, que temos a caracterização social, cultural e econômica, um mapa de afetos familiares. No romance de Mann (2016, p. 33), o avô de Castorp conta para o neto que “originalmente a bacia e a bandeja não formavam um jogo, como bem se via [...] mas combinavam-se no uso, [a bacia] era formosa, de linhas simples e nobres, com a marca do gosto austero que reinava em princípios anteriores. Polida e maciça, repousava sobre um pé redondo e era dourada no seu interior; mas desse ouro sobrara com o tempo somente um reflexo de amarelo pálido”. “Quanto à bandeja, podia-se ler a data que lhe conferia uma antiguidade muito maior: ‘mil seiscentos e cinquenta’, em números enfeitados em arabescos, emoldurados [...] No reverso da bandeja, porém, estavam inscritos os nomes dos

⁹ Ecléia Bosi (1973, p. 38), em *Memória e sociedade: lembrança de velhos*, constrói a sua pesquisa tendo como referência uma comunidade de destino, o envelhecimento.

chefes de família que no decorrer dos anos a tinham possuído: já havia ali sete nomes, cada qual com o ano de transmissão do objeto, e o ancião recitava-os ao neto um a um, indicando-os com a ponta de seu dedo ornado de anel. Estava ali o nome do pai, assim como do próprio avô, e depois se dobrava, triplicava, quadruplicava o prefixo na boca do narrador”.

A narrativa de Thomas Mann a partir dos objetos revela uma tradição religiosa e uma ambiência familiar que atravessa gerações de parentes, desperta e legítima a integração do novo, representado por Hans Castorp. A simbologia que brota do conjunto bacia e bandeja, da obra de Mann, faz parte de um ritual e uma experiência que catalisa uma família diante da renovação do humano representado pela criança introduzida no mundo. Neste e em outros casos, a autoria de Mann poderia ser a autoria de Proust ou de Virginia Woolf, dá relevância aos objetos na trajetória dos personagens e também na nossa experiência de leitores. É o que faz o escritor ucraniano Vassili Grossman¹⁰ (1905-1964), ao narrar a restituição, em 1955, à Alemanha do quadro *Madona Sistina*, de Rafael, confiscado pelo exército soviético, quando se destruiu e derrotou o exército fascista. Em seu texto magnífico, Grossman (2015, p. 181) descreve o seu maravilhamento ao ver a *Madona Sistina*, no Museu Púchkin, em Moscou, e todas as memórias boas e más que a obra de Rafael o faz acessar. Ele lembra que “contemplaram esse quadro doze gerações humanas, a quinta parte das pessoas que viveram na Terra desde o começo das cronologias até os dias de hoje. [...] A beleza da *Madona* está solidamente ligada à vida terrena. Ela é democrática, humana; com uma beleza inerente à humanidade – de rosto amarelo, de olhos vesgos, corcundas de narizes pálidos e compridos, rostos negros de cabelos encaracolados e lábios grossos –, universal. É a alma e o espelho da humanidade, e todos que contemplam a *Madona* veem seu caráter humano; ela é a imagem da alma materna, e por isso sua beleza está eternamente entrelaçada, fundida à beleza que se esconde indestrutível e profunda, em todo o lugar em que a vida nasce e existe – nos porões, sótãos, palácios e calabouços”.

10 GROSSMAN, Vassili Semenovich. *A estrada*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.

Os trechos literários citados demonstram que as nove musas filhas de Mnemósine e Zeus se constituem em um ventre de memórias, um atributo que parte da experiência e geram narrativas que caracterizam a Pintura, o Teatro, a Arquitetura, a Música, a Escultura e outras denominadas velhas Artes. De tal forma que podemos afirmar que as Artes são produtos e, ao mesmo tempo, dispositivos de memórias. Dispositivos autorais que mais que certezas, trabalham a partir de medidas humanas imperfeitas, que se afasta do desenho anatômico, da reprodução perfeita e da utopia da perfeição dos números. Por certo, o aparelho pensado por Woolf não existe em sua pretensão de capturar e guardar tudo. Jorge Luís Borges¹¹ (1899-1986) criou Funes, o memorioso, para nos apresentar um ser completo de informações que o prendem a um eterno presente. Sem passado e sem futuro, o ser borgiano é incapaz de gerar pensamento, indagar e duvidar.

5. Texto e contexto eternamente mutantes

Diante do duvidar sobre o que ela evoca, Woolf nos traz uma boa dúvida sobre o que é veraz no que a autora como autoridade afirma em seu texto. A precisão do que se evoca não é uma questão nova no universo das interfaces que se trabalham aqui em nossos encontros semanais. A eterna mudança, radicalmente de tudo o que é matéria real ou abstrata já está presente no contexto da filosofia pré-socrática, que estabelece uma ligação profunda entre as reflexões da teogonia, da cosmogonia e da antropologia. Afinal é o humano que ao olhar os universos, o sagrado e o profano, tenta estabelecer as suas identidades no tempo e no espaço, em eterna fluidez e mudança. É assim que Parmênides de Eléia (1987, p. 19) concluiu o seu *O Poema*¹² sobre a Natureza, na belíssima tradução de Gerardo Mello Mourão, acerca de o nascimento das coisas, evento máximo que ganha sentido

11 BORGES, Jorge Luis. Funes, o memorioso: *In Ficções*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

12 PARMÊNIDES. *O poema*. Tradução de Gerardo Mello Mourão. São Paulo: GRD, 1987.

e significado pela linguagem humana: “O pensar, e aquilo sobre que desabrocha o pensamento, são uma e a mesma coisa. Pois, fora do ser, que é o lugar de sua revelação, não acharás o pensar; nada é, com efeito, nem será, nem será outra coisa que não o ser e sua circunstância; pois a partilha que é sua o ligou à lei de uma integridade em repouso; por isso mesmo, desde que seja, tudo será nome; nele se fixaram os mortais, para seus hábitos, confiantes em que não há nada para lá do nome: tanto nascer, como perecer, estar ou não estar lá, deixar seu lugar por um outro e brilhar aqui e ali com um brilho furta-cor”.

A necessidade de explicar os fenômenos de uma, de sua vida, está no esboço de um passado produzido por Virginia Woolf, um pouco antes de dar termo à sua vida. Virginia não nos oferece certezas em sua autobiografia, ela nos apresenta esboços de acontecimentos de sua infância, de sua adolescência, de sua velhice. A partir de uma afirmação de Ecléia Bosi, autora importante dos estudos da memória, em sua obra *O tempo vivo da memória*, quando reflete sobre os tempos vazios de nossas existências (p. 24), podemos pensar que os primeiros anos de Woolf não têm o ritmo de um allegro, a música de fundo de seu esboço de vida, a partir da memória, é um adágio. O esboço do passado é sempre assinalado a partir de uma plataforma do presente, onde o instante do espírito, do corpo e do cosmo, visto como uma variável fundamental, define a narrativa e a singularidade da autoria. Se é assim, Woolf estava triste quando olhava o seu passado. O seu esboço do passado se transforma em um documento, mas não em um remédio que lhe devolvesse o gosto pela vida. Como documento, o legado de Woolf abre para nós a possibilidade de grifar partes que nos afetam, escrever nas bordas de seu texto as anotações sobre as nossas vidas. Uma apropriação do texto lido a partir da experiência vivida e da evocação de cada um de nós.

Por outro lado, essa plasticidade da memória vista no campo das Ciências Humanas é uma linguagem aberta e mítica, muitas vezes mãe legitimadora de pontos de fuga discursivos em relação à narrativa reconhecida e validada como científica de parte das produções das Comunicações e da totalidade das produções das Artes. Pontos de fuga

discursivos, que estão aquém e além da contraposição entre a cultura científica e a cultura humanística, tratada de maneira magistral por C. P. Snow¹³ (1905-1980), em Cambridge, ainda em 1959; que estão em conteúdos canônicos da Ciência das Religiões, onde a caneta de um Mircea Eliade (1907-1986) discorre sobre uma geografia repleta de tempos e espaços que não cabem em metáforas; desses tempos e espaços descritos por Eliade brotarão objetos que desafiam a linguagem exata, já que esses tempos e espaços não conservaram documentos, não contém a experiência humana e sequer ruínas. Pontos de fuga discursivos que estão nos textos de Roberto DaMatta, em suas narrativas sobre um Brasil urbano – repleto de gestos, expressões de alerta, contenção, mando e comando – que é explicado e se faz realidade por meio de mediações e mediadores.

Assim, ao alinhavarmos estas e outras anotações da disciplina *Memórias Rituais, Narrativas da Experiência* estarão presentes as inspirações e os aprendizados contidos em dissertações e teses propostas, nos últimos sete anos, por cerca de 150 mestrandos e doutorandos, inscritos em nossa disciplina, a maioria deles oriundos da Literatura, da Psicologia, da Administração, da História, do Direito, da Medicina, da Saúde Pública, da Política, dentre outras áreas de pesquisa que têm estabelecido interfaces com os nossos interesses de pesquisa. Estarão presentes em aulas as maneiras como processamos, sentimos os nossos envolvimento com os temas de pesquisa enlaçados em nossas vidas? E assentados sobre a plataforma do presente, quais as escolhas que faríamos agora? A partir do aqui, das nossas mudanças, como avaliamos orientandos, orientações, colegas, autores, conceitos e teorias? Como o conhecimento que circulamos em cada uma das quinze semanas, de cada ano, totalizando bem mais que 300 horas, se transformou, se transforma em produção textual, em docência, em divulgação científica, em conversas com a sociedade? Como tudo que estamos evocando continua existindo? O que estamos deixando de lado em nossas lembranças?

13 SNOW, C. P. *As Duas Culturas e uma Segunda Leitura: uma Versão Ampliada das Culturas e a Revolução Científica*. São Paulo: Ed. Universidade de São Paulo, 1995.

Wolf, como inspiração, é uma referência para pensarmos o estudo da memória em nossa disciplina, evoca em nós as memórias fortes, afetivas, aquelas que se originam no que Virginia Woolf (2020, p. 24) denomina de “momentos de ser”, esses em contraposição aos “momentos de não ser”. Para ela, “uma enorme parte de cada dia não é vivida conscientemente. Caminhamos, comemos, vemos coisas, resolvemos o que precisa ser resolvido, o aspirador de pó quebrado, ordenar o jantar, encadernar livros. Quando o dia é ruim a proporção **de não ser** [grifo nosso] é muito maior. Tive uma febre a semana passada; praticamente o dia inteiro foi **de não ser**”. Woolf transita a sua evocação por um tempo duro e funcional que de forma direta nos remete aos não-lugares de Marc Augé e aos tempos mortos descritos por Ecléia Bosi, quando lamenta que “a sociedade industrial multiplica horas mortas que apenas suportamos: são os tempos vazios das filas, dos bancos, da burocracia, preenchimento de formulários...” Bosi encaminha também o seu pensamento para refletirmos sobre a nossa relação desumanizada com o território, cada vez mais desenraizado, e mediado pelos aplicativos de transporte, que apenas nos perguntam os pontos de partida e de chegada. A trajetória precificada é a morte do *flâneur* e a narrativa da viagem é empobrecida por um passageiro que não quer conversar e que não consegue evocar e pensar sobre o seu passado e o seu futuro. Virginia Woolf não finalizou o seu *Um esboço do passado*. No último dia de sua vida, disse em um bilhete para o seu marido Leonardo Woolf, que não conseguia mais lutar.

6. Derradeiras lembranças

Despedidas são muitas vezes reencontros com nossas afetividades guardadas em memórias – que preenchem nosso presente, resguardam nosso passado e iluminam nossos futuros –, livros, bilhetes, gavetas e até em entonações dadas às palavras. Cada passagem faz de nós um pedaço do que somos e de como implementamos olhares sobre o mosaico de nossas experiências e anotações de vida. Das letras

do livro *Cordel do CRP* (2012), de Victor Aquino Gomes Correa (1948-2020) – colega memorável de ECA-USP, a quem tiramos o chapéu –, extraímos os trepentes¹⁴ com os quais nos apresentamos.

Trepente do Paulo Nassar (p. 123)

Conheci Paulo Nassar
Comentando atualidades
Da música popular
Numa rádio da cidade.

Até que me convidou
Para falar de lambada.
Foi mal prá quem escutou,
Que era coisa mal falada

Fez das Memórias Ecanas
Obra departamental,
Coroando muitos anos
De nossa história social.

Trepente do Luiz Alberto (p. 51)

Mais carioca dos paulistas,
Chegou do Rio de Janeiro,
Estudou prá jornalista
Mas fez “Errepê” primeiro.

Da Ilha do Governador
Trouxe a gentileza rara,
Qu o torna sempre credor
Desse afeto Tabajara.

Conhece como ninguém
A forma protocolar
E o cerimonial também.
É um ás na arte de anunciar.

¹⁴ Composição feita com três estrofes.